

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
Unidade Porto Alegre
Especialização em Leitura Literária**

RAQUEL DO NASCIMENTO

**CURRÍCULO LITERÁRIO COMO DIREITO UNIVERSAL: ESCUTA E
LEITURA DE LITERATURA INFANTOJUVENIL - POSSIBILIDADES DE
ENFRENTAMENTO AOS PROCESSOS DISCRIMINATÓRIOS**

PORTO ALEGRE

2023

RAQUEL DO NASCIMENTO

**CURRÍCULO LITERÁRIO: COMO DIREITO UNIVERSAL A ESCUTA E
LEITURA LITERATURA INFANTO JUVENIL - POSSIBILIDADES DE
ENFRENTAMENTO AOS PROCESSOS DISCRIMINATÓRIOS**

Projeto para proposta de Currículo Literário apresentado ao curso Especialização em leitura Literária na UERGS, como requisito parcial para a integralização do curso.
Orientador (a): Carlos Bach

Porto Alegre

2023

1 INTRODUÇÃO

“Em sentido amplo o currículo escolar abrange todas as experiências escolares” (Barros)

Este trabalho é a conclusão de um percurso iniciado em 2022, na Especialização em Leitura Literária, ofertada pela UERGS em parceria com a Secretaria de Educação de Novo Hamburgo (SMED), como uma das ações propostas pelo Programa Tear de Histórias: leituras em Rede, da SMED, que tem como objetivo promover a formação de leitores, principalmente leitura literária, com propostas que envolvem toda a comunidade escolar. Há, por exemplo, a expansão do projeto das Sacolas Literárias, em que as crianças e os estudantes levam livros para casa, a fim de promover o contato com o literário, não só na escola, mas também na família. Além disso, há também propostas de formações com os Mediadores de Leitura, projeto que faz parte do Tear de Histórias. Nesse sentido, trazer dentro deste Programa uma proposta de parceria com a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS, a fim de criar uma especialização em Leitura Literária e oferecê-la, gratuitamente, para todos os professores da rede de ensino municipal, potencializa as possibilidades de fomentar a leitura literária na escola, uma vez que para consolidar um bom trabalho com a leitura no ambiente escolar, faz-se necessário que os professores tenham formação com embasamento teórico e prático sobre os especificidades da formação do leitor.

O presente trabalho tem como objetivo traçar um currículo literário. Para tanto, faz-se necessário refletirmos sobre alguns conceitos de currículo, a fim de não somente pensar a leitura na escola como uma atividade para quando a criança ou estudante estiver ocioso na sala de aula. Dessa forma, a leitura literária integrará tanto o currículo, como terá um currículo pensado e elaborado para que as escolas realmente sejam escolas leitoras, para não simplesmente escolarizar a leitura.

A partir das leituras feitas no meu fazer pedagógico de Paulo Freire (1991), as questões encontradas na literatura de Tomaz Tadeu da Silva (1999), entendendo o currículo escolar como identidade, fica implícito a responsabilidade que temos na formação do sujeito. O currículo vai além da concepção tradicional que o pensava como lista de conteúdos. Este currículo pensado, idealizado, ao longo deste documento, utiliza-se da visão crítica que pressupõe um sujeito que é capaz de questionar seu ambiente, que pode envolver-se nas lutas de classe, mas também extrapola para um conceito pós-crítico, querendo que o sujeito consiga encontrar sua narrativa na escola enquanto ser de história, de direitos e capaz de reescrever sua própria história e da sociedade.

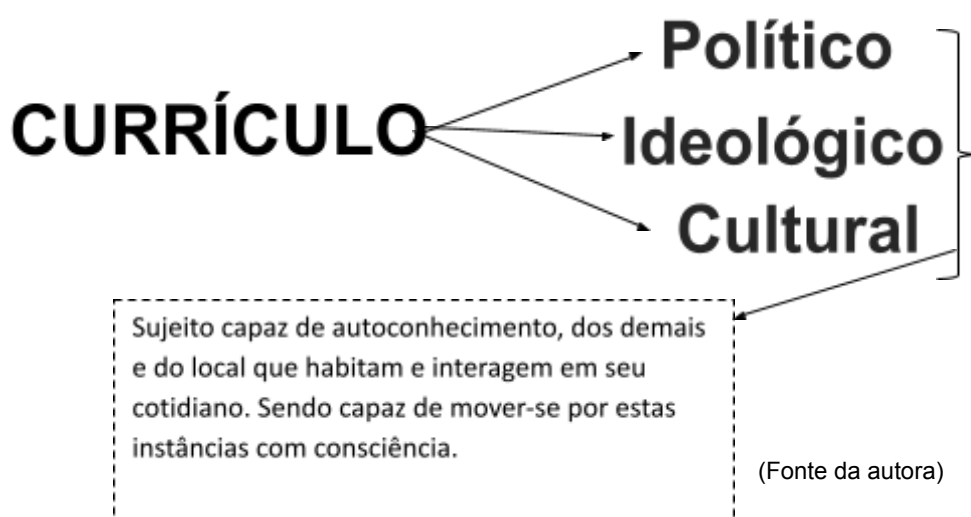
Queremos pensar uma escola onde o currículo foi proposto coletivamente, apesar dos muitos atravessamentos que temos no campo da escola, ainda mais a escola pública. Isso torna ainda mais importante a necessidade de o professor ter clareza de que seu trabalho é político, ideológico e cultural; bem como a necessidade de que as ideias sejam

construídas coletivamente, organizadas e colocadas em prática. Muitas vezes a escola trabalha com diversos currículos ao mesmo tempo. Por isso, é muito importante que o professor tenha em mente que o currículo não é neutro e está implicado em relações de poder. O currículo tem história, produz identidades e transmite visões. O objetivo central do currículo é garantir a aprendizagem do estudante em uma perspectiva multicultural e valorizando o conhecimento que ele traz para a escola e em sua realidade e vivências. O currículo pode desconstruir estereótipos e visões preconceituosas que são normalizadas pela sociedade, bem como deve permitir a análise crítica da história e da cultura. Ele também deve compreender os cotidianos dos sujeitos sociais que o compõem, trabalhando dessa forma para a superação do fracasso escolar.

A partir dos nossos debates e reflexões, elaborei o esquema que segue para ilustrar como o currículo ocupa um lugar importante na escola sendo citado por autores até mesmo como o coração da escola.

É importante perceber que o currículo é pensado para organizar o trabalho na escola, mas quando colocado em ação impactará o ambiente em que esta escola estiver inserida, ou seja, impactará a sociedade. Uma vez mais afirmamos que o currículo não é neutro. Quem o constrói está implicado na construção de um projeto de sociedade, mesmo que não seja uma tomada de decisão consciente.

Neste sentido, reforço a importância de que os sujeitos envolvidos no fazer desse currículo, o formal, o que está em documento da escola como norteador, o currículo ação, aquele que acontece no dia a dia da escola, tenham sim, consciência das escolhas feitas para tal, pois, afinal ele é capaz de aprisionar ou libertar sujeitos, transformar ou não comunidades.



2 OBJETIVO GERAL

Propor um currículo literário que trace um itinerário leitor e possibilite a todos os estudantes conhecer obras literárias de qualidade que contemplem diversidade, continuidade e progressão.

2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Possibilitar que todos os estudantes desenvolvam a competência leitora e que todos os estudantes leiam.
- Proporcionar aprendizagens por meio da leitura literária, sem descuidar do prazer que esta proporciona.
- Aumentar repertório e vocabulário dos estudantes.
- Propiciar, com as demais áreas do conhecimento, saberes e habilidades por meio da intertextualidade.

3 EMBASAMENTO TEÓRICO

A diversidade presente no currículo

A escola é composta por pessoas de diferentes formações socioculturais. A diversidade está presente na linguagem, nos conhecimentos, nos valores, nas vivências, na significação do mundo que cada um faz. “A diversidade é entendida como uma construção histórica, cultural e social das diferenças” (Gomes, 2007, p. 34). Partindo desse pressuposto, queremos afirmar que não é possível um currículo homogêneo para classes de alunos heterogêneos.

Precisamos repensar o currículo “*atual*” com o objetivo de formular um que leve em consideração essa diversidade. No currículo formal, o currículo escrito pelas escolas, o que deveria ser organizado juntamente a toda comunidade escolar, formalizado, escrito e publicado como documento oficial para conhecimento de todos os envolvidos no processo. Neste currículo, pensamos que, após o percurso feito, desde que se percebeu as diferentes experiências curriculares e a partir da necessidade de uma sociedade, nasce a teorização e, precisaríamos ter a preocupação com a multiculturalidade.

O currículo formal é embasado nessa necessidade de multiculturalidade, porém não garante que nossas ações caminhem na mesma direção. Temos que nos ater às práticas do cotidiano para garantir que o currículo que acontece no cotidiano também tenha esta finalidade plural.

As teorias do currículo evoluíram da tradicional, passando pela crítica e já alcançaram a pós crítica. Sabemos que as escolas transitam ainda entre todas elas. Mas acreditamos que para propor um currículo literário precisamos transitar muito mais na teoria pós crítica. No entanto acredita-se que ainda assim podemos ter alguns pressupostos da teoria crítica.

A diversidade é norma da espécie humana: seres humanos são diversos em suas experiências culturais, são únicos em suas personalidades e são também diversos em suas formas de perceber o mundo. Os seres humanos apresentam, ainda, diversidade biológica. Algumas dessas diversidades provocam impedimentos de natureza distinta no processo de desenvolvimento das pessoas (as comumente chamadas de “portadoras de necessidades especiais”).¹ Como toda forma de diversidade é hoje recebida na escola, há a demanda óbvia por um currículo que atenda a essa universalidade (Lino, apud Gomes, 2007, p. 19).

Observa-se assim a necessidade de indagar, discutir e reformular o currículo, a fim de atender às identidades da diversidade presente na escola. Entre os aspectos que precisam ser indagados e reformulados no currículo estão: o prestígio em relação às disciplinas; a formação integral do aluno, o que inclui o preparo para o exercício da cidadania; e a qualificação para o trabalho. Essa concepção de currículo dentro de uma perspectiva mais tradicional está vinculada a “um processo de racionalização de resultados educacionais, cuidadosa e rigorosamente especificados e medidos. O modelo institucional dessa concepção de currículo é a fábrica” (SILVA, 2005, p. 12). Dessa forma, o currículo se constitui em uma “receita” em que os ingredientes são “a especificação precisa de objetivos, procedimentos e métodos para a obtenção de resultados que possam ser precisamente mensurados” (SILVA, 2005, p. 12). Nesta concepção, não há espaço para discussões que não estejam vinculadas a melhoria de índices. É importante lembrar que, conforme afirma o professor Tomaz Tadeu da Silva (2005), “o currículo é sempre o resultado de uma seleção” (p. 15); ou seja, seleciona-se o que pode e o que não pode fazer parte do processo de ensino e aprendizagem. Com isso, o currículo pode reforçar preconceitos e estereótipos justamente pelo que ele exclui do processo; é pelo não dito que, aquilo que faz parte do chamado “currículo oculto”, reafirma determinadas discriminações que fazem parte do senso comum. Um currículo

¹ Conforme a Emenda à Constituição (PEC) 57/19, essa nomenclatura foi alterada para “pessoa com deficiência”. A PEC substitui todas as expressões “portador de deficiência” ou “pessoa portadora de deficiência” por “pessoa com deficiência”, que é a forma utilizada pela Convenção Internacional sobre o Direito das Pessoas com Deficiência.

que não deixa espaço para a reflexão, para problematização, para as perguntas, constitui-se numa ferramenta de opressão.

Inversamente a essa concepção de currículo, o contexto escolar precisa promover a igualdade, mas, ao mesmo tempo, reconhecer as diferenças, pois apenas promovendo a igualdade, corremos o risco de tratar a igualdade como homogeneização e padronização. O grande desafio é “construir a igualdade na diferença” (Candau, 2011). Atender a diversidade na escola leva a refletir tanto sobre como podemos lidar pedagogicamente com a diversidade quanto se existe realmente sensibilidade quanto às diferenças. A diversidade não deve ser apenas inserida no currículo como tema transversal; precisa ser evidenciada no fazer pedagógico. “Será que ainda continuamos discutindo diversidade, mas agindo, planejando, organizando o currículo como se os nossos alunos fossem um bloco homogêneo e um corpo abstrato?” (Gomes, 2007, p. 26). Para embasar essa proposta de currículo, há que lembrar que os estudantes são sujeitos de direitos e, como tal, possuem o direito de conviver, de se relacionar, de estudar, de trabalhar. São pessoas com histórias de vida diferentes, por meio das quais adquirem conhecimento, cultura, competências e habilidades, o que nos leva a afirmar que nem todos aprendem da mesma forma e no mesmo ritmo.

A escola, portanto, não é apenas um local onde se aprende um determinado conteúdo escolar, mas um espaço onde se aprende a construir relações com as “coisas” (mundo natural) e com as “pessoas” (mundo social). Assim, atender a diversidade no currículo propõe reconhecer a pluralidade presente na escola e entender que a diversidade é muito mais do que um conjunto de diferenças. “Sugerimos que se procure, no currículo, reescrever o conhecimento escolar usual, tendo-se em mente as diferentes raízes étnicas e os diferentes pontos de vista envolvidos em sua produção” (Moreira, 2007, p. 32). Tratar a diversidade no currículo com essa perspectiva significa buscar um currículo contra a homogeneização e a padronização.

Leitura e escola

No decorrer do Ensino Fundamental momentos de leitura diferenciados, ler em rodinha embaixo de uma árvore, saborear um lanche ou fazer um passeio pelo bairro na pré-leitura, escutar uma música preparando para a intertextualidade, vão ficando escassos. Muitas vezes já ao chegar no 5º ano muitos estudantes se deparam com textos por vezes fragmentados, adaptações “pobres” e algum questionário no final de sua leitura. Até mesmo há professores que atrelam a retirada de livro da biblioteca a atividades de contar o que leu ou escrever sobre, deixando uma obrigatoriedade implícita e a procura por textos menores para conseguir dar conta da tarefa.

Este é um exemplo do que pode ir distanciando esse indivíduo de seu trajeto leitor. Por isso nos propomos a pensar um currículo literário que pense que a escolarização da literatura não é engessá-la, em métodos e fichas, mas

sempre não importando a idade do leitor, aproximá-la, torná-la atrativa e acessível a um leitor que tem desejo de acessá-la.

Na maioria ou na totalidade dos documentos curriculares aparece a formação de um leitor crítico, competente e proficiente que consegue compreender o que leu e se posicionar a partir disso, mas podemos desejar formar, junto a isso, um leitor mais humano, que possa olhar para sua vida e para a do outro de um jeito mais empático", é nessa perspectiva que queremos pensar uma proposta de currículo literário.

Será um currículo para uma escola pública, de ensino fundamental, do vale do rio dos Sinos; que atende de 1º ao 5º ano (8 turmas) e 3 turmas de educação infantil, faixa etárias 4 e 5. Está localizada em um bairro de classe média baixa, com famílias de pais trabalhadores da indústria e do comércio. Essas famílias proporcionam um ambiente letrado às crianças, e boa parte dos pais faz algum tipo de leitura para as crianças. Uma minoria chega à escola sem ter escutado alguma história ou sem nenhuma experiência leitora nas famílias.

Currículo Literário como parte de um programa municipal de leitura literária

Sendo assim, na elaboração desta proposta de currículo literário, teremos como foco, num primeiro momento, as turmas de ensino fundamental, até o 5º ano. Partimos do pressuposto que nos cabe enriquecer e ampliar o repertório que já trazem de casa, de forma que crianças já alfabetizadas ou não possam ir qualificando sua procura por livros na hora das retiradas, sempre incentivadas pelas horas do conto na biblioteca, leituras de textos pela professora mediadora, ou pela professora da turma.

No município, também contamos com o programa Tear de histórias que tem como objetivo principal

“Conciliar ações desenvolvidas nas escolas municipais e propor outras que fomentem a leitura literária e qualifiquem o acesso a livros e outros suportes a fim de possibilitar a formação de um leitor que consiga fruir esteticamente o texto literário e, por consequência, tenha abertura de seus horizontes para ler seu próprio contexto”.
(Página da SMED NH)

Uma das ações do programa são as sacolas literárias que chegam às famílias para uma leitura qualificada através da escolha de bons livros de literatura infanto juvenil que as compõem. No ano de 2022, todas as turmas das 89 escolas da rede municipal (EMEI e EMEB) receberam essas sacolas. Cada turma recebeu 2 sacolas com cinco livros diferenciados em temas, faixa etária e gênero textual, sendo literatura para as famílias. Para o envio das sacolas para casa dos estudantes, o professor faz um sistema de revezamento, para que todas as crianças possam recebê-las. Ciente de que somente disponibilizar livros literários não garante uma proposta de formação do leitor, a

Secretaria de Educação oferece formação periódica para os professores que trabalham com a mediação de leitura, possibilitando a troca de experiências e o repensar de suas práticas nas bibliotecas escolares, bem como o movimento que se faz dentro da escola para que se avance na formação de estudantes, indivíduos mais leitores.

A escola, que serve de base para essa proposta de currículo literário, é a que atuamos no projeto de mediação de leitura. Ela passou por uma reforma, em anos anteriores (neste tempo eu não ocupava o lugar de mediadora de leitura), tendo sua biblioteca reinaugurada no ano de 2022, neste período já havia assumido este projeto na escola. Durante o período da reforma, as crianças não tiveram acesso à biblioteca nem à retirada de livros. Para evitar o total distanciamento entre as crianças e a leitura, elas tinham a contação ou leitura de histórias toda semana pela professora mediadora. Com a reinauguração, foi possível a organização desse novo espaço que as crianças têm acesso toda semana. Nele, elas podem ter contato com os livros nas estantes, fazem a retirada e escutam histórias lidas ou contadas pela mediadora de leitura.

Outras ações foram implementadas, a fim de ampliar o trabalho com a leitura literária na escola. Para tanto, foram organizadas caixas de leituras que os professores titulares podem levar para as salas de aula para uso com os estudantes, bem como uma parada literária mensal, momento em que todos da escola param por 20 a 30 minutos para uma leitura que pode ser compartilhada ou individual. Além disso, a escola promove piqueniques literários e, anualmente, a semana literária, para a qual é convidado um autor a ser homenageado. Neste evento, normalmente, também são comercializados livros de literatura por algum livreiro local.

Cada sala da escola tem um espaço de leitura organizado para a turma. Temos consciência de que ainda é necessário potencializar esta ideia para que este espaço não seja só um depósito de “livrinhos” ou que as crianças usem só quando sobra tempo.

Ainda temos que pensar em estratégias para os estudantes mais escolarizados; aqui usamos este termo somente para denominar aqueles que já estão há mais anos na escola (4º e 5º anos), especialmente estes que passaram pelo período da pandemia de Covid-19, pois apresentam menos interesse pela literatura do que os pequenos que ingressam na escola querendo muito vivenciar estes momentos proporcionados pela escola: de leitura, de contação de brincar com objeto livro de manuseá-lo, de fazer a leitura faz-de conta, ou mesmo a releitura daquela história já ouvida pela professora. Nosso leitor fluente precisa continuar gostando dos livros e desejar ampliar seu repertório.

Queremos traçar um percurso para que, ao final do 5º ano, o perfil leitor de nossos estudantes seja o de coautor das obras que leem, ou seja, com capacidades leitoras que não sejam só de compreensão, mas de criação de novas histórias.

4 METODOLOGIA

Para formar esse leitor competente, capaz de construir sentidos para o que lê, é necessário que a escola crie pontes, que desenvolva um programa que oriente as escolhas e as práticas de leitura de toda a escola (COLOMER, 2007)

O presente trabalho foi construído através das partilhas nas disciplinas cursadas ao longo da especialização, uma revisão bibliográfica, o conhecimento que temos da comunidade que estamos inseridos e uma pesquisa com os estudantes do 4º e 5º anos.

Com essa trajetória vamos ter um currículo literário para ser apresentado à comunidade escolar, organizado por autores, por títulos relevantes ao longo da história da literatura e também cuidando dessa questão multicultural, garantindo o direito de todos os grupos e a visibilidade de todos nesse currículo plural. Pensando o que fará parte e o que não entra, estamos reafirmando a ideia do currículo como ideologia, como político e cultural.

Também se sabe que novas obras deverão integrar este acervo de tempos em tempos. Para tanto, o professor que trabalha com a biblioteca/mediação de leitura deve ter em seu planejamento a previsão de busca de novas obras, bem como tempo para leituras das obras adquiridas de maneira a aumentar seu repertório e para indicar aos estudantes na hora da retirada semanal.

“A literatura nos coloca em contato com aqueles que vieram antes de nós. Ela nos permite criar laços com os que estão ao nosso redor. É nutrição, socialização e, sobretudo, humanização. Quando bem trabalhada no espaço escolar, revela-se um verdadeiro tesouro na preparação de nossas crianças para a vida” (BRASIL. BNCC IMPLEMENTAÇÃO, 2018)

5 PROPOSTA PARA COMPOR UM CURRÍCULO LITERÁRIO

O contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas

corretas de manipulação de livros (BRASIL. BNCC, 2018b, p. 42)

E a tarefa da leitura literária não para por aqui, como estamos afirmando ao longo desse artigo ela tem múltiplas funções para a formação de um indivíduo mais humanizado capaz de muitas leituras de mundo. Para tanto nos dispusemos a começar essa tarefa de um currículo literário que estará sempre em construção e reconstrução.

1º ao 3º anos	Objetivo central: leitura compreensiva
Característica dos textos: pequenos, mais ilustrações, somente imagéticas letras bastão primeiramente depois script. Podendo no terceiro ano textos maiores.	Gênero: narrativo Tipos: poesia, parlendas, ditados populares, fábulas, contos de fadas.
4º e 5º	Objetivo central: leitura interpretativa
Características dos textos: Textos médios, podendo ser histórias mais longas ao final do processo, todos os tipos de letras. Textos imagéticos nesta fase também devem ser usados.	Gênero: Narrativo Tipos: Contos, crônicas, contos de fadas, romance.
Recursos e estratégias	Leitura pela professora, leitura dialogada, leitura compartilhada. Contação de história com o livro sem o livro. Fantoques, varal de histórias e demais elementos concretos visuais que colaborem com a narração da história. Recursos audiovisuais.

PENSANDO EM OBRAS E AUTORES PARA COMPOR ESSE CURRÍCULO ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS INICIAIS

Autores que não podem faltar

Como afirmamos ao longo do trabalho de conclusão, que tem a proposta de se tornar, há pressupostos de uma literatura como direito, da literatura sem uma “utilidade”, mas sim como arte, fruição, possibilidades do sujeito humanizar-se e impactar seu entorno com seu projeto de vida. Esta

literatura como arte, humanizadora e transformadora pode ser percebida, na atualidade, por meio de vários autores/escritores que pensam as obras literárias para as infâncias.

Nos dias de hoje, não temos mais textos para adultos (com certos valores éticos-morais), adaptados para crianças. Temos textos e ilustrações pensadas para a ideia de infâncias que também criamos nesta sociedade. Estas obras proporcionam aos leitores um desenvolvimento emocional, social e cognitivo. Segundo Abramovich (1997), quando as crianças ouvem histórias, passam a visualizar de forma mais clara, sentimentos que têm em relação ao mundo. As histórias trabalham problemas existenciais típicos da infância, como medos, sentimentos de inveja e de carinho, curiosidade, dor, perda, além de abordarem infinitos assuntos.

A escolha destes autores é uma mostra de possibilidades de obras que atendem esta trajetória da literatura como arte.

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica...É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc. sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (ABRAMOVICH, 1997, p.17)

Aline Abreu

André Neves

Ana Maria Machado

Ângela Lago

Bartolomeu Campo de Queirós

Caio Riter

Cecília Meireles

Celso Sisto

Christina Dias

Clarice Lispector

Fernanda Lopes de Almeida

Fernando Vilela

Graça Lima

Ilan Brenman

Jean-Claude Alphen

João Carlos Marinho

Lygia Bojunga

Maria Clara Machado
Marina Colasanti
Mário Quintana
Mary e Eliardo França
Maurício de Souza
Monteiro Lobato
Odilon Moraes
Pedro Bandeira
Ricardo Azevedo
Roger Melo
Rogério Andrade Barbosa
Rosana Rios
Rosane Pamplona
Roseana Murray
Ruth Rocha
Sérgio Caparelli
Sylvia Orthof
Tatiana Belink
Tino Freitas
Ziraldo Alves
Astrid Lindgren
Audrey Wood
Anna Llenas
Bell Hooks
Hans Christian Andersen
Shel Silverstein

Algumas sugestões de Obras e seus autores

Adriana Falcão - A gaiola, Sete histórias para contar, Mania de Explicação
Aqualusa - Estranhões e Bizarros
Alessandra Roscoe - O jacaré Bilé
Alexandre Brito - Museu desmiolado

Alexandre Rampazo - A cor de Coraline, É o lobo, O que é que isso é?

André Neves - Brinquedos, Lino, Nuno, Malvina, Tom, Obax, Seca, A caligrafia de Dona Sofia

Anna Llenas - O monstro das cores

Anthony Browne - O túnel

Bell Hooks - Meu crespo é de rainha

Bernat Cormand - O menino perfeito

Beth O'Leary - A troca

Blandina Franco - Ernesto, O livro dos tutus: os assombrosos, monstruosos, horríveis, cruéis e terríveis bichos-papões do folclore brasileiro

Caio Riter - Cinco Girafas no espaço, Sete patinhos na Lagoa, O tato do gato

Carolina Rabel - Nhac

Cecília Meireles - Ou isto ou aquilo

Celina Bodenmüller - Abcdinos

Celso Sisto - Blimundo, O Maior Boi Do Mundo, Eles que não se amavam, Chá das Dez, Emburrado!, Beijo de Sol

Christina Dias - Então quem é? Criando Craca, O quadro da Andréa, O Muro, Albertina, a vaca estradeira, Jogos depois da Chuva, O aniversário do Tiltapes

Cristino Wapichana - A boca da noite

Dilan Camargo - Um caramelo amarelo camarado, Bamboletras, Brinciar

Ed Emberley - Vai embora grande monstro verde

Eliandro Rocha - A ponte, O poço

Emicida – Amoras, E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas

Eva Furnari – Drufs, Não confunda , Felpo Filva, Assim, assado

Fábio Simões - Olelê - uma antiga cantiga da África

Fernanda Lopes de Almeida - Margarida Friorenta, A fada que tinha ideias

Guido Van Genechten - A inacreditável, porém verdadeira, história dos dinossauros, Este livro está cheio de monstros

Ilan Brennan - A Cicatriz, A menina furacão e o menino esponja

James Berry - O vestido de Afiya

Jean Claude Alphen - Pinóquia

Jon Agee - O muro no meio do livro

Josca Baroukh - Adivinhas para brincar

Julia Donaldson - Carona na Vassoura, O grúfalo
 Kiusam de Oliveira - Solfejos de Fayola
 Lázaro Ramos - Caderno sem rimas da Maria, Caderno de rimas do João
 Lúcia Hiratisuka - As cores dos pássaros, Amanhã, A visita, Orié
 Luis Camargo - Maneco Caneco Chapéu de Funil, Bule de Café
 Madalena Matoso - Livro Clap, Eu sou, eu sei
 Marcel Tenório - Alafiá e a pantera que tinha olhos de rubi
 Marília Pirillo - Analua
 Mia Couto - O beijo da palavrinha, O gato e o escuro, O rio infinito
 Ondjaki - Ombela: a origem da chuva
 Paulo Venturelli - A Alma secreta dos passarinhos
 Shel Silverstein - A árvore generosa, A parte que faltava
 Silvana Rando - Pocotó, Gildo, O incrível livro do Gildo
 Stephen Michael King - O homem que amava caixas, Meu pai é uma girafa
 Susanne Strasser - A raposa vai de carro
 Suzy Lee - Onda, Espelho
 Tino Freitas - Com que roupa irei para a festa do rei, Pra que essa boca grande
 Valéria Macedo - Aldeias, palavras e mundos indígenas
 Vera Aguiar (org.) - Poesia fora da estante
 Yaguarê Yamã - Contos da floresta

Mangás

Combo Rangers Ano Um - Fábio Yabu
 Hack - Kazunori Itō
 Anohana - Cho-Heiwa Busters e Mitsu Izumi
 Bakuman - Tsugumi Ohba e Takeshi Obata
 Blue Dragon Secret Trick - Ami Shibata
 Card Captor Sakura - CLAMP
 Cardcaptor Sakura Clear Card Arc - - CLAMP
 El-Hazard - Hiroki Hayashi e Ryoe Tsukimura
 Guerreiras Mágicas De Rayearth – CLAMP

Little Witch Academia - Yoh Yoshinari e Keisuke Sato

Sailor Moon - Naoko Takeuchi

Super Onze - Tenya Yabuno

Tsubasa - CLAMP (Grupo de 4 autoras)

Yu-Gi-Oh! - Kazuki Takahashi

A Princesa e o Cavaleiro - Osamu Tezuka

Livros jogos - RPG

Athos Beuren - Viver ou Morrer, O Fantasma do Relógio, O Senhor Das Sombras, O Senhor Das Sombras, O inimigo digital: Uma aventura interativa

Megan Stine e H. William Stine - Corrida ao Passado

Steven Otfinoski - Meia-noite na Mansão dos Monstros

Barbara B. Hiller - Acampamento na Montanha Sinistra

Katy Brown - O Manipulador da Magia

R. L. Stine - Viajante do Tempo Louise Munro Foley - O Trem do Terror

Fábulas

A cigarra e a formiga, A lebre e a tartaruga, O leão e o ratinho, A raposa e a cegonha, A menina e o leite, O lobo e o cordeiro, A formiga e o escaravelho, O asno e a carga de sal, O lobo e as ovelhas, O cervo e o leão, O cão e a sombra, A Raposa e as Uvas, O Corvo e o Jarro.

Folclore

Comadre Fulozinha, Saci-Pererê, Matinta Perera, Boto cor rosa, Vitória-Régia, Curupira, Iara, Mula sem cabeça, Lobisomem, Boitatá, Cuca, Caipora, Bicho papão, Mãe do ouro, Mandioca, Negrinho do Pastoreio, Guaraná, Cobra Grande, Barba Ruiva, Jurupari, Galha azul, Erva Mate, João de barro

Contos de Fadas

Charles Perrault

A Bela Adormecida no Bosque; Chapeuzinho Vermelho; O Barba Azul; O Gato de Botas; As Fadas; Cinderela ou A Gata Borralheira; Henrique do Topete e O Pequeno Polegar, Os desejos ridículos, Pele de Asno.

Irmãos Grimm (Jacob e Wilhelm)

A Bela Adormecida; Branca de Neve e os Sete Anões; Chapeuzinho Vermelho; A Gata Borralheira; O Ganso de Ouro; Os Sete Corvos; Os Músicos de Bremen; A Guardadora de Gansos; Joãozinho e Maria; O Pequeno Polegar; As Três Fiandeiras; O Príncipe Sapo, O filho ingrato.

Hans Christian Andersen

A pequena vendedora de fósforos, A Roupa Nova do Rei, A Pequena Sereia, O Rouxinol e o Imperador da China, O Soldadinho de Chumbo, Os Sapatinhos Vermelhos, A Princesa e a Ervilha, A Rainha da Neve, O Patinho Feio, A Polegarzinha, O companheiro de viagem, Os cisnes selvagens.

Multiculturalismo

Indígenas

Eu sou Macuxi e outras histórias

O Pássaro Encantado

A Mulher que Virou Urutau

Histórias de Índio

Oré Awé Roiru'a Ma – todas as vezes que dissemos adeus

Criaturas de Ñanderu

Os Donos da Terra

Coração na Aldeia, Pés no Mundo

Africanidades

O homem frondoso e outras histórias

Anansi – o velho sábio

Martin e Rosa

O mundo no black power de Tayó

O livro das origens

Obax

Bruna e a galinha d'Angola

Ifá, o Adivinho

Minha mãe é negra sim!

Cada um com seu jeito, cada jeito é de um!

Omo-Oba-Histórias de Princesas

O menino marrom

O mar que banha a ilha de Goré

O cabelo de Cora

O cabelo de Lelê

Meu Crespo É de Rainha

Amoras

Betina

Uma aventura do velho baobá

Kalinda, a princesa que perdeu os cabelos e outras histórias africanas

Chuva de manga

Da minha janela

De passinho em passinho

Sonia Rosa fala sobre Raquel Trindade: Heroína negra inesquecível

Amores em África

Karingana wa Karingana – histórias que me contaram em Moçambique

O filho do vento

Três contos africanos de adivinhação

Outros temas da diversidade

Flávia Reis - Maremoto

Michaël Escoffier - Princesa Kevin

Bernat Cormand - O menino perfeito

Leo Cunha - A menina e o céu

Janaina Tokitaka - Pode pegar!

Noemie Shay - É proibido falar disso

Cristiane Soares - Por que Heloísa?

5.1 SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Objeto de conhecimento (conteúdo): Lendas Africanas e Indígenas	
<p>Habilidade (s)</p> <p>(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.</p>	
Apresentação da situação	<p>A sequência será introduzida com todas as turmas da escola sendo adaptada às atividades de pós leitura dependendo do ano do estudante ou criança.</p> <p>Explicar que vamos conhecer um pouco da cultura africana; aproximar-se de outras formas de viver e compreender o mundo; entrar em contato com histórias que têm personagens negros, fugindo ao modelo que estamos muito habituados a ver nas histórias. Valorizar e respeitar a cultura africana e indígena, como outras culturas; aprender com elas valores comuns a toda a humanidade.</p>
Módulo I	<p>Apresentação de dois contos:</p> <p>O filho do vento, de Rogério Andrade Barbosa Tempo para falar da capa do livro. Impressões. Produzir uma pipa para sentir a força do vento, estabelecer relações com a história.</p> <p>A lenda do tambor africano - narrar e depois deixar à disposição instrumentos para tocarem. Utilizar recursos visuais para mostrar os dois contos, narrar a história. Roda de conversa sobre as histórias e experiências vividas nos pós histórias.</p>
	<p>Fechamento e Resultados parciais</p> <p>Animação - Kirikú e a Feiticeira Karabá Esta primeira parte da sequência terá o fechamento com esta animação citada. No pós filme, o professor escreva anota as impressões da turma sobre a película e provoca a turma para que percebam as semelhanças com as histórias narradas.</p> <p>Ainda faremos uma exposição com objetos da cultura afro que traremos para a escola e produções de máscaras feitas pelos estudantes. A avaliação se dará pelo envolvimento e interesse das crianças durante todo o desenvolvimento.</p> <p>Nas falas poderemos avaliar se foi produzido conhecimento da cultura.</p>

Módulo II	<p>LENDAS INDÍGENAS</p> <p>A necessidade do homem em explicar os mistérios da vida e da natureza que o cerca, gera, através dos séculos, as mais belas lendas. Quanto mais rica a cultura de um povo, maior o número de lendas inspiradoras que justificam os seus costumes e tradições milenares.</p> <p>Narrar 3 lendas indígenas: duas delas Como Nasceram as Estrelas e A Criação do Homem, vindas das terras do Mato Grosso, e uma terceira originada das tribos da região do mítico rio Amazonas A Vitória Régia.</p> <p>Narrar as histórias</p> <p>Pedir que narrem no pós história alguma experiência que tiveram de contato com a natureza</p> <p>Disponibilizar literatura indígena e africana para escolha dos estudantes de leitura individual ou partilhada.</p> <p>Roda de conversa para falar das diferentes culturas conhecidas nestas semanas</p> <p>Decidir junto aos estudantes o que poderíamos trazer da cultura indígena para compartilhar com toda a escola sobre os saberes aprendidos.</p> <p>Confeção de um livro feito à mão com as lendas ouvidas</p> <p>Cartazes com palavras indígenas utilizadas no nosso cotidiano.</p>
Produção final	Criar um podcast com os aprendizados e vivências dessa sequência didática
Avaliação dos módulos	Observaremos o processo da sequência didática, verificando o envolvimento e adesão dos estudantes à proposta. Bem como na hora de produzir o podcast os conhecimentos que trarão para produzi-lo.

6 AVALIAÇÃO

Por último, e não menos importante, a avaliação que é entendida como parte integrante do processo.

Podemos afirmar com certeza que uma avaliação em literatura não poderia basear-se em uma prova, um questionário, acreditamos que nem mesmo as fichas de leitura conseguem desempenhar o papel de avaliar esse processo que se dá do leitor e sua leitura.

Precisaremos de estratégias mais abrangentes para conseguir perceber se o itinerário traçado para os estudantes foi bem vivenciado, conseguindo

atingir os objetivos propostos ou não, ou apenas parcialmente. Desta forma teremos condições de traçar novos itinerários leitores para nossos estudantes.

Entendemos que a avaliação é formativa, diagnóstica, processual. Aqui na rede de Novo Hamburgo os documentos orientadores também preveem uma avaliação nestes moldes que ajude o professor a continuamente verificar sua prática e o processo de ensino aprendizagem

Aprendizagem do aluno não pode ser medida apenas por uma ação realizada ao fim do trimestre ou semestre, mas deve resultar do desenvolvimento e acompanhamento ao longo das aulas. É preciso, no entanto, planejamento. Mesmo um simples diálogo com a turma pode ser usado em uma avaliação formativa, mas precisa ter um objetivo claro e as perguntas certas.

“A avaliação também tem como pressuposto oferecer ao professor oportunidade de verificar, continuamente, se as atividades, métodos, procedimentos, recursos e técnicas que ele utiliza estão possibilitando que o aluno alcance dos objetivos propostos”. (SANT’ANNA, 2010, P.24). Outra afirmação da mesma autora, é que a avaliação fornece base para o planejamento do professor, portanto ela cumpre uma de suas funções quando auxilia o docente em seu trabalho pedagógico.

Pode-se entender que a avaliação e o planejamento são dois processos imbricados, pois quando um planejamento é criado logo o professor deseja e espera alcançar algum objetivo, e a avaliação é um dos métodos utilizados para saber se foi alcançado algum desses objetivos ou não. Serve também para o professor rever a sua prática, seus métodos, recursos e técnicas.

A avaliação da leitura literária também será feita nesse mesmo processo contínuo. No decorrer, por exemplo, do empréstimo de livros da biblioteca é possível observar a trajetória de progressão dos estudantes, tanto diversificando o tipo de textos escolhidos como incentivando a busca por textos mais densos, não somente textos mais curtos. Nas conversas e desdobramentos das histórias, é possível analisar se há indícios de intertextualidade e fruição na leitura que os estudantes estão fazendo das obras ofertadas. Também é possível perceber os estudantes que estarão estagnados em seu processo de leitura e, a partir dessa análise, buscar viabilizar propostas para alcançar os objetivos.

7 CRONOGRAMA

Atividade	Período
- INÍCIO DAS CONTAÇÕES E LEITURAS - MOSTRAR A PROPOSTA PARA A EQUIPE DIRETIVA SOLICITANDO ESPAÇO PARA DEBATE COM O CORPO DOCENTE.	Agosto de 2023
- REPRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS - LITERÁRIAS (máscaras, teatro) - PROPOSTA PARA O GRUPO DE PROFESSORES DISPONIBILIZANDO O DOCUMENTO PARA SUGESTÕES E POSSIBILIDADES DE COMO TORNÁ-LO EFETIVO NA ESCOLA.	Setembro 2023
- REESCRITA E AUTORIA DE LENDAS - MOSTRAR A PROPOSTA PARA O GRUPO DE PAIS TORNANDO O CURRÍCULO LITERÁRIO VISÍVEL E ABRINDO POSSIBILIDADES DE PARTICIPAÇÃO DOS PAIS.	Outubro 2023
- FINALIZAR A ESCRITA DO DOCUMENTO: CURRÍCULO LITERÁRIO PARA INTEGRAR A DOCUMENTAÇÃO DA ESCOLA. (dessa maneira queremos que na próxima reescrita do Projeto Político Pedagógico – PPP, da escola este currículo literário o integre.	Novembro 2023
- AVALIAÇÃO DA TRAJETÓRIA FEITA ATÉ O PRESENTE MOMENTO VISANDO TRAÇAR AS AÇÕES DO PRÓXIMO ANO.	Dezembro 2023

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo não sendo a única responsável, a escola pode ter um papel potencializador das práticas com o texto literário, tem mais chances de desenvolver em seus estudantes o hábito e o prazer pela leitura quanto mais conhece seu público e conta com a parceria de seus pares na educação. Para Cosson (2016, p.17), “A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos.” A literatura proporciona a vivência do outro, naquele que a experimenta, sem a renúncia do próprio eu.

Nessa dimensão de garantir a promoção do humano temos que garantir a literatura como direito de nossas crianças. “Requerido pelo texto literário,

esse processo de alteridade pode ajudar o leitor a “combater estereótipos, discriminações de qualquer natureza e violações de direitos de pessoas ou grupos sociais, favorecendo o convívio com a diferença” (BRASIL, 2018, p. 467), desenvolvendo neste, sobretudo no espaço de sala de aula, segundo a perspectiva da BNCC, “princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos” (BRASIL, 2018, p. 490).

O leitor pode pensar que não falamos de processos discriminatórios, mas ao pensar esta proposta baseada na diversidade e no direito que cada indivíduo tem de acesso à literatura estamos falando de possibilidades da formação de um ser humano mais empático, capaz de alteridade. É possível então com essas propostas abrir caminhos para uma sociedade que possa sim enfrentar esses processos discriminatórios, de cor, raça, gênero, social e religioso.

Para alcançar os objetivos desejados com este currículo é importante reafirmar algumas questões levantadas ao longo deste trabalho, é necessário o espaço para que o coletivo de docentes da escola pense em um itinerário leitor que possibilite a todos os estudantes conhecer obras que atendam a diversidade, a continuidade e a progressão, pilares de qualquer currículo.

Considerar diferentes gêneros e autores, assim como recursos literários, a construção dos personagens, as diferentes vozes narrativas, entre outros aspectos estéticos, bem como o envolvimento nessa preocupação com a formação do leitor não ser somente do professor mediador. Para tanto é necessário repensar como multiplicar a formação continuada que recebemos de maneira a implicar os educadores envolvidos neste processo, desde a tomada de decisão sobre quais livros e práticas de leitura serão desenvolvidas ao longo de cada ano da escolaridade, bem como que papel cada um terá junto a sua turma para garantir os objetivos propostos para aquele ano de ensino.

É importante ter critérios literários e linguísticos que orientem as escolhas dos professores para promover experiências estéticas distintas; definir, no coletivo com o corpo docente e a partir dos critérios eleitos, livros para leitura compartilhada. Garantir espaço para professores e estudantes

fazer suas próprias escolhas dentre uma ampla variedade de títulos de literatura; assegurar práticas de leitura literária e sua periodicidade: leitura em voz alta pelo professor, rodas de apreciação e empréstimo, sessões simultâneas de leitura, clube de leitura, entre outras experiências que o processo avaliativo pode ajudar a diagnosticar como necessário.

Propor ações com condições para que os estudantes constituam comportamentos leitores, estratégias e habilidades de leitura. Proporcionar um acervo que apresente variedade de autores, gêneros, coleções, editoras, projetos gráficos, culturas, e espaços convidativos para ler, cantos de leitura nas salas de aulas, biblioteca ou sala de leitura, corredores literários, murais com recomendações literárias, biblioteca de portas abertas. Considerar nas propostas a dimensão socializadora da leitura literária, instaurando práticas de leitura desenvolvidas na escola e fora dela como a parada literária que estamos nos propondo a realizar. Na parada de ônibus local, colocar jornais e livros para que os passageiros possam fazer uso da literatura.

Ano passado, a escola recebeu o livro "Princesa Kevin", que traz a história de um menino que quer ir à festa a fantasia da escola vestido de princesa. Pessoas que não frequentam o ambiente escolar, ao olharem a capa do livro sem mesmo ler a história nem ter a dimensão do trabalho literário desta narrativa, acabaram por sugerir que seria um livro proibido para as escolas por se tratar de discussão de gênero. Mas, o Livro "Princesa Kevin", assim como tantos outros, precisa sim ser defendido e chegar a todos os leitores.

Esta ação fora da escola gerou então projeto: "Liberte um Livro", já com este olhar na diversidade dentro da escola. Livros com temas considerados "difíceis", pela sociedade, porque não dizer para algumas escolas e também professores; são colocados na gaiola para que os estudantes da escola possam libertá-los.

O projeto segue com outros títulos literários e sempre com o livro "Princesa Kevin" e tomará outra dimensão retornando para fora dos muros da escola em forma de um artigo, que será publicado em outubro, na Saberes em Foco, revista anual do município de Novo Hamburgo, que organiza trabalhos e

produções dos docentes das escolas municipais. Em parceria com colegas da rede de ensino que também ousaram ver além da capa do “Princesa Kevin”. Este artigo-denúncia é uma tentativa de defender a literatura feita para ser lida e não guardada.

Portanto, o papel do mediador de leitura frente à proposta de um currículo literário é ser um leitor em seu sentido pleno, capaz de problematizar sua trajetória leitora, bem como ser um agente promotor de leituras múltiplas na escola entre seus pares e claro nos estudantes.

“Para que os brasileiros de todas as idades, classes, etnias e gêneros tenham acesso ao livro e ao direito à literatura, participando de eventos literários; para que nossas escolas contem com bibliotecas abertas, com acervo atualizado e de qualidade; para que os interesses de leitura dos professores e dos alunos sejam contemplados; para que a formação do professor contemple a dimensão estética, precisamos que esta pauta seja de todos nós que realizamos pesquisas e formamos leitores, todos nós, cidadãos desse país, conscientes de nossos direitos.” (MACEDO, 2021, p. 11)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

BARDANCA, Ángelles Abelleira. **O Pulsar do Cotidiano de Uma Escola da Infância**. São Paulo: Phorte, 2020.

BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Ministério da Educação, 1996. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394>.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: 2018.

CANDAU, Vera Maria (Org.). **Diferenças culturais e educação: construindo caminhos**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: A Leitura Literária na Escola**. São Paulo: Global, 2007

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2021.

FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática da Liberdade**. 20ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

GOMES, Nilma Lino. **Indagações sobre currículo. Diversidade e currículo**. MEC, Brasília, DF, 2007.

MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes (org.). **A função da literatura na escola: resistência, mediação e formação leitora**. São Paulo: Parábola, 2021

NOVO HAMBURGO. **Fundamentos e Concepções da Rede Municipal de Ensino de Novo Hamburgo**. Documento Orientador. Caderno 1. Novo Hamburgo: SMED, 2019.

_____. **Organização da Ação Pedagógica Ensino Fundamental e EJA**. Documento Orientador. Caderno 3. Novo Hamburgo. SMED, 2020.

SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que avaliar? Como avaliar? Critérios e Instrumentos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade; uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.